



POESIAS POSTHUMAS

DO

DR. AURELIANO JOSÉ LESSA

EDITADAS

POR SEU IRMÃO

FRANCISCO JOSÉ PEDRO LESSA





1479

RIO DE JANEIRO

Typographia da LUZ, rua de Gonçalves Dias n. 60

1873



THE BOARD OF SUPERVISORS

OF THE COUNTY OF ALBANY

RESOLUTION

NO. 10

1911

TO BE REPEALED

AND TO BE REPLACED BY

RESOLUTION

NO. 11

Almon 4159

POESIAS POSTHUMAS

2

POESIAS
POSTHUMAS

DO

DR. AURELIANO JOSÉ LESSA

EDITADAS

POR SEU IRMÃO

FRANCISCO JOSÉ PEDRO LESSA



RIO DE JANEIRO

—
TYP. DA—LUZ—RUA DE GONÇALVES DIAS Nº 60

—
1873



14274
1961

AURELIANO LESSA

As breves linhas que vou traçar a respeito de Aureliano José Lessa, não são uma biographia, nem a isso podem ter pretensão. Fallecem-me os dados indispensaveis para contar por miúdo a vida do illustre poeta diamantino, tomando-a desde o berço e acompanhando-a passo a passo até o tumulo.

Fui companheiro e amigo do poeta durante a vida academica; marchei por alguns annos de par com elle em sua curta peregrinação por este mundo. Tive pois tempo bastante e occasiões de sobra para conhecer-lhe a indole e os costumes, as tendencias de seu espirito, o quilate de seu talento superior e as bellas qualidades que lhe adornavam o nobre e generoso coração.

Meu empenho, portanto, não é contar a vida do poeta, mas simplesmente esboçar-lhe o retrato, do modo o mais fiel e completo que me fôr possivel.

Demais, a vida de um poeta, principalmente de um poeta como Aureliano Lessa, vida simples, descuidosa, sem ambições, sem aspiração alguma, nem mesmo a da glória, que episodios, que peripecias pôde offerecer, que interessem ao público?

Sua vida está em suas impressões íntimas, nas scismas de sua alma, nos arroubos de sua imaginação, nas vibrações de sua sensibilidade.

Bisso tudo, o que não se passou puramente nas vagas regiões do devaneio, o leitor ahi vai encontrar, vivo e fiel reflexo, nas animadas e formosas composições do poeta. O mais foi um continuo esbanjar das horas da vida, rindo e cantando;—um incessante e descuidoso despencar de flôres sôbre o lôbrego e vertiginoso, vórtice, que rapidamente o ia conduzindo ao tumulo.

Nasceu Aureliano José Lessa em 1828, na cidade da Diamantina, nessa região do norte de Minas, tão fecunda em pedras preciosas, como em talentos superiores. Estudou preparatorios no Seminario de Congonhas do Campo, onde, graças á lucidez e promptidão de sua intelligencia, unidas a uma memoria das mais felizes, fez rapidos progressos. Ahi, parece que se deu ao estudo com mais applicação e assiduidade, do que nos cursos superiores, pois em materias preparatorias possuia larga e solida instrucção.

Transportado a S. Paulo, apenas sahido da infancia,

afim de frequentar o curso jurídico, sua vida academica foi um longo delirio infantil, um incessante devaneio poetico. Achava elle então em S. Paulo um círculo numerozo de moços apaixonados pela poesia, no meio dos quaes não podia deixar de dar larga expansão ao seu extraordinario gôsto pelas bellas lettras.

A paixão pela poesia e pela litteratura amena distrahia por demais naquella epoca a mocidade academica de seus estudos escolares. Aureliano, Alvares de Azevedo, José Bonifacio, Cardozo de Menezes, Silveira de Souza, Paulo do Valle, Ferreira Torres, Lopes de Araújo, o Portuguez Agostinho Gonçalves, e varios outros mancebos, entre os quaes se contava tambem o autor destas linhas, eram como um bando de canarios, que perturbavam com seus constantes gorgeios os severos estudos dos alumnos de Themis: eram uma verdadeira Arcadia no seio da Academia.

No meio dessa pleiade de cantores, o guaturamo da Diamantina não podia ficar mudo. Graças á sua facil intelligencia, poucas horas bastavam a Aureliano para desempenhar os seus deveres escolasticos; o resto do tempo dissipava-o elle alegremente em convivencias e palestras, improvisando estrophes fugitivas, ou discutindo litteratura entre seus amigos.

Nas polemicas e certames academicos a palavra lhe borbotava dos labios com uma promptidão e abundancia prodigiosa. Com a mesma facilidade com

que dissertava sobre assumptos de litteratura amena, embrenhava-se tambem com incrível volubilidade nos mais intrincados labyrinthos da methaphysica. Como todos os espiritos dotados de comprehensão extremamente facil, mas a quem falta a calma e paciencia necessarias para reflectir, tomava soffregamente as primeiras intuições de sua intelligencia como verdades irrecusaveis, e assim por vezes de erro em erro era levado aos mais estranhos paradoxos, que elle todavia não deixava de defender com o accento da mais intima convicção, e com uma dialectica inesgotavel em recursos.

Essa mania do paradoxo, e o gosto de methaphysicar, — deixem passar a expressão, — o emmaranhavam ás vezes em tal confusão de raciocinios, que o tornavam completamente inintelligivel.

O pendôr de seu espirito para as concepções transcendentaes da philosophia reflecte-se até em algumas de suas composições poeticas, nas quaes o conceito é por vezes tão subtil e alambicado, que prejudica grandemente a clareza.

Aureliano tomou o gráo de bacharel, em Olinda, em 1851.

Deixando os bancos academicos, a sua norma ordinaria de viver em nada se alterou. Continuou sempre o mesmo, sempre alegre e despreoccupado, olhando com indifferença o presente, bom ou máo, e

completamente descuidado do futuro. O genio folgazão e imprevidente da puerícia parecia nunca mais querer abandoná-lo. Era sempre a mesma criança travessa, espiritosa, volúvel e doudejante.

Epicurista por natureza, Aureliano queria passar a vida em um contínuo festim.

Não vá, porém, o leitor pensar que era elle um desses sensualistas libertinos e descridos, como os que a imaginação de Byron creôu á sua propria imagem e semelhança, ou um conviva crapuloso das tascas e dos bordéis, como esses que Alvares de Azevedo, exagerando Musset, tanto folgava de esboçar, desperdiçando em tão monstruosas creações as brilhantes côres de sua rica palheta.

Não; Aureliano não tinha parentesco algum com D. Juan, nem tão pouco com J. Rolla, e muito menos com Bocage.

Era um epicurista *sui generis*. Suas ergias, se ergias se podem chamar, nunca tinham por theatro o lupanar ou a casa de jogo, ou outro qualquer lugar de devassidão e crapula grosseira. Eram delirios galhofeiros em roda da mesa, em companhia de alguns poucos amigos. O fumo dos vinhos elles os evaporavam rindo, cantando, poetizando, ou em passatempos, não direi escolasticos, mas quasi infantis.

Era uma devassidão do espirito— se assim me posso exprimir—jovial e inoffensiva, e não os gozos

de sensualismo material. Eram — desculpem-me, se repito tantas vezes a phrase que melhor o caracteriza—eram orgias de criança.

Apenas deixou os banhos da Academia, Aureliano foi nomeado procurador fiscal da Thesouraria Geral de Minas, e teve de estabelecer sua residencia em Ouro-Preto. Não se lhe podia dar emprêgo menos consentaneo com sua indole e character.

Desterraram o cysne, que ama os lagos azues e os vargedos florescidos, para a crista de um rochedo arido e escalvado. A diplomacia, o magisterio, a magistratura mesmo, teriam por certo rasgado para elle horizontes de melhor futuro, que não esse, talvez o mais arduo, o mais espinhoso, o mais enfadonho e prosaico de todos os empregos.

Assim desempenhou-o elle como poeta, ou antes como criança.

Foi curto e esteril esse periodo de sua vida, que, se me não engano, não durou mais que um anno.

Dahi partiu elle para sua terra natal, acabrunhado e abatido por incommodos physicos, mas sempre com o mesmo espirito scintillante de jovialidade, com a mesma serenidade e descuido infantil.

Dessa data em diante não sei relatar os passos que o nosso poeta deu na vida ; sei só que continuou sempre o mesmo genero de vida, cantando, brincando, fazendo versos, e consagrando pouco tempo á advo-

cacia, de que tirava alguns recursos para a subsistencia, até que falleceu a 21 de Fevereiro de 1861, na cidade da Conceição do Sérro.

Aureliano teria sido um dos mais fecundos e brilhantes poetas de nossa época, se várias circumstancias, algumas das quaes inherentes á sua propria natureza, não o tivessem feito declinar da orbita elevada que o seu grande talento lhe traçava, se sua debil organização physica podesse resistir ás crueis provações a que o poeta como de capricho a sujeitava.

Aureliano, como já disse, parecia não fazer caso algum da glória, e muito menos da vida e da saúde. Escrevia e improvisava versos por passatempo, e porque rendia ás musas fervoroso culto. Havia nelle um tal desapêgo da existencia, uma tão completa indifferença pelo seu destino presente e futuro, que é difficil de explicar.

Esse estado da alma não era por certo resultado de exaltação mystica, nem de um philosophismo elevado como o de Socratis; o espirito ligeiro e brilhante de Aureliano, posto que fosse crente e accessivel ao sentimento religioso, nenhum pendor revelava para as contemplações asceticas, e nem se occupava em reflectir sôbre a nihilidade desta vida, nem sôbre as glórias da outra. Tambem não podia provir de nenhum desalento profundo, de nenhuma occulta mágoa que o desgostasse da vida; sua physionomia sempre jovial,

franca e expansiva excluía toda a idéa de soffrimento^s intimos, e aquelle seu natural desdem pela existencia não pôde ser explicado senão por uma singular disposição de seu organismo excepcional.

Foi em virtude dessa estranha disposição de espirito, que Aureliano nunca se esforçou em cultivar regularmente sua bella intelligencia, nem explorou convenientemente a rica lavra de seu talento poetico, e só tratou de ir desfolhando alegre e indifferentemente a flôr dos annos sôbre a torrente rapida dos tempos.

Nesta breve noticia não me é dado tambem fazer, como desejára, nem uma ligeira apreciação do talento poetico do meu finado amigo. Ha tanto tempo, — ha quasi vinte annos! — não converso com aquella formosa e delicada musa, que me era tão familiar!... Tenho della apenas uma reminiscencia confusa, como um êcho debil e saúdoso, que me vem de longes margens. Suas poesias elle as ia entornando por ahi como flôres perdidas, que não queria mais apanhar, e teriam de desaparecer irremissivelmente envôltas no pó do olvido, se o digno irmão do poeta, o Sr. Francisco Lessa, não se encarregasse de as ir apanhando, com grande esforço e trabalho, uma aqui, outra acolá, na poeira do caminho, por onde o autor as foi deixando, para dellas formar uma formosa grinalda, digna de lugar distincto no templo da litteratura nacional.

Essa mesma collecção não a tenho diante dos olhos,

e não me atrevo portanto a aventurar desde já apreciação alguma, fiando-me sómente em impressões vagas e obscuras de épocas tão remotas.

Espero a publicação della para avivar minhas impressões, e então enunciar inteiro o meu sentimento a respeito das bellezas e defeitos do illustre poeta diamantino.

Posso todavia dizer desde já que Aureliano Lessa, além de alçar-se com successo aos generos os mais graves e elevados, primava tambem nas cançonetas, e em toda a especie de poesias fugitivas.

Elle as compunha á granel, mimosas, delicadas, felicicias.

Qualquer impressão, qualquer incidente, qualquer lembrança lhe inspirava instantaneamente deliciosas coplas, ou exquisitos dithyrambos. Creio que esses ligeiros sorrisos de sua phantasia, multicôr como o iris, infelizmente se perderam pela maior parte.

Posto que nada soubesse da arte do solfejo, gostava summamente da musica, cantava e tocava violão, e elle mesmo inventava melodias para suas lindas composições eroticas.

Muitas formosas *modinhas*, que hoje ainda são populares, são—musica e lettra—da lavra de Aureliano Lessa.

Taes são, entre outras muitas, a maviosa canção

em *decimas*, que se intitula :—*Lembranças do nosso amor.*

E essa outra cantiga tão suave e melancolica, que começa por esta endêcha :

Deixei, de insomnia cercado,
O meu solitario leito,
Para vir contar-te, ó noite,
As angústias de meu peito.

Muitas e muitas canções elle compunha neste genero, e largando a penna que acabava de escrever as coplas, ia tentar as cordas do violão para pô-las em musica.

A vida é curta ; quem nega ?—
Nem vale a pena dizel-o :
Deus a quebra entre seus dedos
Como um fio de cabello.

Ri, criança ; a vida é curta,
Sonho, que dura um instante ;
Depois o cipreste esguio
Mostra a cova ao viandante.

A velhice tem saüdades
De suas visões passadas ;
A mocidade queixumes,
E só a infancia risadas.

Ri, criança ; etc.

Esta última composição era o seu estribilho predilecto, era o hymno do seu coração.

Aureliano tinha a tēz ligeiramente morena. Seu bello rosto era de perfeito oval, e da mais severa regularidade: linhas curvas e suaves, nariz á grega, rosto proeminente, testa larga e chanfrada, mas pouco elevada—caracteristico de espirito irreflectido e impaciente.—Era isto com effeito o que constituia a base do seu character, e dir-se-hia que elle não gostava da vida, porque não tinha paciencia de viver. Os cabellos finos e corridos, não eram bem negros, nem castanhos, mas de uma cōr especial, tirando a cinzento escuro; os olhos grandes, scintillantes e da mais completa negridão. Era de estatura menos que mediana, mas bem feito, delicado e esbelto de fôrma.

Não me consta que tivesse amôres serios, mas rendia á amizade o mais fervoroso e sincero culto.

Era franco e generoso além de de toda a medida; seu coração era thesouro de bondade, nobreza e lealdade.

Helás! je n'ai point vu ce séjour enchante,
Ce beau ciel, où il a tant de fois chante!

EIL-os, —os bellos encantados sitios,
O céo, puro e risonho,
Que o viram nascer e que o embalaram
Em seu primeiro sonho.

Foram estes os campos que na infancia
Os olhos lhe arroubaram,
Estes os céos que os vividos fulgôres
Na mente lhe enternaram.

Ahi nutria a phantasia ardente
De imagens fulgurantes,
Ao murmurio do correge, que rola
Rubis e diamantes.

Ahi tambem, depois de longamente
Peregrinar no mundo,
Sentiu cansaço e tédio da existencia
E desprazer profundo.

E ainda no verdor dos bellos annos
O meu saüdoso amigo
Sorrindo de desdem, foi reclinar-se
No último jazigo.

*

Seu genio era tão limpido e brilhante
Bem como o diamante
De seu paiz natal,
Impetuoso como a cataracta,
Que tomba e se desata
Pelo profundo val.

Da patria sua as fontes e os rochedos
Melodicos segredos
Nos labios lhe infiltraram:
E as fadas dos arroios diamantinos
Mil delicados hymnos
Sorrindo lhe ensinaram.

A negra pertinaz melancolia
Longe de si bania
Tangendo a doce lyra;
Se algum pezar a mente lhe roçava,
As azas lhe queimava
Da inspiração na pyra.

Mas nem somente a musa galhofeira
Alegre e prasenteira
Vinha inspirar-lhe o canto:
Ah ! quantas vezes, quantas, sôbre a lyra
O Bardo não sentira
Correr acerbo pranto !

Outras vezes rasgando ethereos véos
O arrebatava aos céos
Valente inspiração;
Então não era mais simples poeta;
Fallava qual propheta
A Deus e á criação !

XVIII

Sua bella alma nunca a vi vazia
De amôr, de poesia,
E nobres sentimentos.
Se alguma dôr o seio seu ralava,
Para si sô guardava
As penas e os tormentos.

Rindo e cantando perpassou de leve
Da vida espaço breve
Luzente meteoro:

Rindo e cantando foi para o jazigo
O tão saüdososo amigo
Por quem té hoje choro.

BERNARDO GUIMARÃES

POESTIAS

O POETA

ELLE é o sacerdote do Universo
Que o livro d'alma e coração folhêa,
Onde o mysterio habita:
Canta amôr e virtude em doce verso,
E de piedosas lágrimas prantêa
Uma existencia afflicta.

Su'alma é como a flôr que o sol desbrocha,
Exhala cantos, como a flôr perfumes,
Como o sol resplendores;
E qual vulcão nas visceras da rocha,
Ruge seu coração, vibra em cardumes
Relampagos, clamôres.

Quando elle scisma, ondeam-lhe no aspecto
Os echos do profundo pensamento
 Desfeito em mil imagens;
E a mente alçando-se ao ceruleo tecto,
Penetra de Adonai o aposento
 Lá do espaço nas margens.

Elle passa gemendo entre os humanos
Qual triste mocho, que piando passa
 Nas salas do festim;
A elle a noite, e os aquilões vesanos,
Aos outros, de prazer em flórea taça
 Embriaguez sem fim.

Oh! deixai que o poeta em paz deplore
Na solidão seu fado, e se lastime
 Da poesia nos braços;
Deixai que o proprio coração devore
Onde o fogo do céu caindo, imprime
 Incendiados traços.

Nos caminhos da vida elle sentado
Em ferreo marco, vê passar ruïdosa
 A caravana dos vivos;
Ao ouvil-o estaca o viajor cançado,
E expande o sonho da feição rugosa
 Da lyra aos sons altivos.

E' que essa lyra canta uma esperança,
Primogenita alegre da desgraça,
 Que conduz pela mão ;
Que a conduz ao porvir, que sempre avança
Qual fugaz nuvem, té que se desfaça,
 Nuvem, e illusão.

De crépe o vate a doce lyra cobre
Se mais um crime a Divindade affronta
 Ensanguentando a historia :
Elle abencôa o obolo do pobre,
Mostra a cruz á virtude, e além aponta
 Um hemispherio á glória.

Porque ri co'a virtude, e porque chora
Sôbre alheio soffrer, e sôbre sceptros
 Que ha pouco eram alfanges.
Sabe que é glória vã a que se escora
Em ossos nús ;— são seu cortejo espectros,
 Seu pedestal phalanges.

Elle ama o sol— da Providencia imagem,
Ama o oceano—imagem do infinito,
 E a noite, irmã da morte ;
Ouve um perfume no espirar da aragem,
E dos trovões no rabido conflicto
 Ouve a voz de Deus, forte.

Cada existencia canta-lhe uma nota
Repessada de mystica harmonia,
Alegre ou melancolica ;
Musica mysteriosa ao vulgo ignota,
Como a que matinal além nos guia,
Como de harpa colica.

Entretanto seu fado é bem medonho,
O abysmo de su'alma não tem fundo,
Mesmo aos olhares seus :
O mundo para elle é como um sonho,
Elle crêa em seu cáhos um outro mundo,
Que povôa de Deus.

E' que a fonte da vida um Deus sómente
Póde lavar-lhe a sêde do infinito
Que su'alma devora ;
Su'alma é como a lampada pendente
No altar, ou como a myrrha em sacro rito,
Que ardendo se evapora.

Cumpre, ó vate, cantando, o teu degrêdo ;
E um hymno sólta em teus finaes momentos
Do mundo entre os baldões ;
Qual bellico cantor que exhala quêdo
Na mavorcia tuba os ultimos alentos
Ao trôar dos canhões.



TRISTEZA

DIZES que meu amôr te encanta a vida,
Teus alvos dias, teus nocturnos sonhos ;
Mas tens a face de prazer tingida,
Teus labios são risonhos!

Não podem florescer o amôr e o riso
Nos mesmos labios: da paixão o fogo
Mata as rosas do rosto, de improviso
Gera a tristeza logo.

Olha : minh'alma é pallida e tristonha,
Minha fronte é nublada, e sempre afflicta ;
Entretanto uma imagem bem risonha
Dentro em minh'alma habita.

Mas esse ermo sorrir, que eu tenho n'alma,
Não é como da aurora o riso ardente ;
E' o sorrir da estrêlla em noite calma
Brilhando docemente.

Ah ! se me queres á teus pés prostrado,
Troca o riso por pallida belleza :
Mulher ! torna-te o anjo que hei sonhado,
Um anjo de tristeza !



EU

NAQUELLA ermida derrocada agora
Já não sôa do sino a voz garrida
Pela cupola nua ;
Nos ermos nichos alta noite chora
O môcho, e pela abobada fendida
Entra um raio da lua.

Eis minha historia, amigo : os que hei amado
Desceram para os tumulos ; e eu vivo
Só de crueis lembranças,
Qual estatua de um templo derrocado ;
Cerca-me este espetaculo afflictivo,
Cinzas sem esperanças.

Em vão na doce lyra dos amôres
Por um anjo clamei que ungissem as ruínas
Do coração quebrado ;
Que me fadasse um céu, lançando flôres
No meu caminho, e abrindo-me as cortinas
De um futuro dourado.

Como serei feliz ! ?... que anjo clemente
Ha de orvalhar-me com as roçantes azas
O esteril coração ?...
Sedenta de emoções, minh'alma ardente
Incendiou-se, e o coração em brasas
Não sente uma emoção...

Hoje odeio o prazer, desprezo as dôres,
Caminho sôbre rosas, sôbre espinhos,
Sem olhar para o mundo :
Morte, eu quero sagrar-te os meus amôres,
Quero gozar de teus fataes carinhos
N'um esquite bem fundo !...



DESESPERANÇA

PEDE estréllas ao céo, ao campo flôres,
Escuridão á noite, ao sol fulgôres,
 Tempestades aos mares;
Pede ao berço a innocencia e a candura,
Pede á virtude a alma da ventura,
 Pede-me só pezares.

Se te apraz, vem commigo sôbre os montes
Descortinar em roda es horisontes
 Té onde a vista alcança:
— Vês? na extrema, auri-negra nuvem passa;
Não conduz nem fortuna, nem desgraça,
 Transporta a Esperança.

A' nossos pés caudal esta cascata
Mugindo entorna espumas côr de prata,
Que tombam nas campinas:
Pensas que leva a morte em seus furôres?
Vai regar mansamente, entre verdôres,
Delicadas boninas.

Ergue as vistas ao céu, e se és poeta,
Arremessa o olhar como uma setta
Para além do hemispherio:
Que encontras nesses páramos profundos?
Mundos, céos ao redor, mais céos, mais mundos,
—Deus envôlto em mysterio !

Ah ! se a origem da luz nos foge aos olhos,
Qual o pharol será nestes abrolhos
Que nos deve guiar?
Embalde a f'licidade marêemos,
Co'a esperança nos braços morrerêmos
Maldizendo este mar!

Que nem sequer ao homem seja dado
Ser tão completamente desgraçado,
Que sêl-o mais não possa!
No mal terrestre, ephemero e pequeno,
Ha um sabôr de nectar em veneno,
Que o infortunio adoça.

Eu tenho ancia de amôr, e de ventura;
Em vão minh'alma soffrega procura
 No terra seus vestigios.....
Volvo os olhos á noite—avisto estréllas,
—Se á terra os humilhei, ai! ambas ellas
 Perderam seus prestigios.

Só na virtude—somno de desejos—
Pôde o homem colhêr trégoa aos arquejos
 De um coração sedento;
E que ella vive olhando a sepultura,
Ou por entre trévas lhe fulgura
 No abysmo um firmamento.

Se evaporar-se deve em esperança
A flicidade que ante nós avança
 Como a nuvem nos ares;
'Se ella em meu peito já não mais se aloja,
Que te hei de dar ?—aos pés da cruz te arroja,
 Pede-me só pezares!



A' DIAMANTINA

Vês lá na encosta do monte
Mil casas em gruposinhos,
Alvas, como cordeirinhos
Que se lavaram na fonte ?
Não vês deitado defronte,
Qual dragão petrificado,
Aquelle sêro curvado
Que mura a cidadezinha ?
Pois essa cidade é minha,
E' meu berço idolatrado.

Ali, meus olhos se abriram
A' luz matinal da vida ;
Lá, primeiro à mãe querida
Meus labios de amôr sorriram ;

Lá, seu nome proferiram
Antes do nome de Deus;
Lá, tentei os passos meus
Da vida na estrada rude;
Lá, aprendi a virtude,
Minha mãe, nos lábios teus.

Olha como ella se inclina
Pela esmeralda do monte,
Molhando os pés n'uma fonte
De agua fresca e crystallina!
Olha como ella domina
Esses serros alcantis,
Com seus ares senhoris,
Com seu cofre de diamantes,
No meio de seus amantes
Distribuindo rubis...

Salve, Athenas tão risonha
Da verde e saudável Minas,
Rainha destas collinas
Que banha o Jequitinhonha,
Teu vassallo. Elle nem sonha
Quebrar teu jugo real,
E vem a um leve signal
Com seus rubis, com seu ouro,
Derramar no teu thesouro
O seu tributo annual.

Feliz quem no seio teu
O sôpro da Providencia
Faz brotar a intelligeneia,
Pérola fina do céu !
Como da noite no véo
Faz mil pérolas fulgir,
Tu tens, ó rival de Ophir,
Outras joias, outros brilhos ;
Teu thesouro são teus filhos,
Tua glória é seu porvir !

Seu porvir, sim, que amanhece
Lá nos longes do futuro ;
Não o meu, que um fado escuro
De negros fios só tece.
Patria ! tudo me fallece
Para erguer teu esplendor :
Mas do pobre trovador
Terás o obolo pobre,
No peito um coração nobre,
Na lyra um canto de amôr.



SAUDADE

Dos versos teus entre as flôres,
Deixando as de alegre côres,
Colhi a que exprime as dôres
De um saüdoso coração,
Flôr que brota em soledade,
Que diz—amôr e amizade—
Que o nome tem de —saüdade—
Filha da separação.

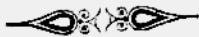
Eu tenho essa flôr querida
Dentro do peito escondida,
Nella vejo reflectida
Da ausencia o cruel rigôr;
Pois é uma voz amante
Que me falla a cada instante,
De um coração que distante
Palpita tambem de dôr.



CONSOLAÇÃO NA MORTE

SINTO que vão quebrando-se em meu peito
As molas da existencia; sinto a vida
Escapar-me das veias; nem respiro,
Como outr'ora, estes ares que alimentam...
Cedo terei baixado ao negro asylo
Onde habita o mysterio envólto em trévas
Nas solidões de um funebre silencio....
Irei sem murmurar—irei sósinho
Com minhas mágoas repousar a fronte
Sóbre um torrão de terra—desta terra
Que tanto as minhas lágrimas banharam....
Irei pedir a última hospedagem
Lá onde ha leitos para todo o homem
Dormir o último somno; e irei tranquillo,
Porque não amo, viajor exausto,
Estas poentas vestes laceradas
Nas urzes do caminho; porque embalde
No horror da minha noite hei procurado

No oriente um sol, nos céos um astro,
Que me aclarasse do futuro as sendas...
Ah ! que monta viver?... sorver aos poucos
Te ás fêzes um calice de angústias,
Que mata lento e lento ; e agonisante
Vivo se proclamar o moribundo !...
Dizer-se amôr—dos corações as chagas,
Esperança—uma phenix, que renasce
Sempre de cinzas ; flicidade—um nome
De um astro que não viram olhos d'homem,
Que talvez não verão !... E' isto a vida ?
Oh ! desça ante meus olhos a cortina
Do pallido sepulchro ; ella me esconde
O vazio do mundo, e este vazio,
Que tenho n'alma fundo qual abysmo,
Sómente o póde encher a eternidade !...



O QUE É AMOR ?

JÁ VISTE dous élos gêmeos
Mutuamente encadeados,
Que mesmo estando afastados
Prefazem um só grilhão ?

Já viste alegres voando
Sempre a par, sempre juntinhas,
Duas candidas pombinhas
Atadas por um cordão ?

Já viste duas nascentes
Que deslizando do monte
Vêm depois n'uma só fonte
Sobre os campos collear ?

Já viste o iris celeste,
Que descendo sobre a terra
Em duas columnas erra,
Que vão no céu vincular ?

Já viste duas ilhotas
De nuvens no céu perdidas,
Que mutuamente attrahidas
Vão no céu se confundir ?

Já viste dous alvos lyrios
Que do arôma que exalam
Vão no céu por onde allam
Um só arôma esparzir ?

Tal é a imagem, donzella,
Dessa humana divindade,
Flôr da sensibilidade,
Que os homens chamam—amôr.

E' um enigma ineffavel,
E' um mysterio profundo,
Revelado á todo o mundo
Por um rosto encantador.

Como os pombos enlaçados,
Como as fontes, n'uma só,
Tal é o amôr, um nó,
Como os êlos do grilhão.

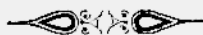
Amôr é iris celeste,
Que prendendo as almas puras,
Vai vincular nas alturas
Affectos do coração.

Como as nuvens que se atrahem,
Como o perfume do lyrio
Que se vai juntar no empireo
Aos arômas d'outra flôr ;

Assim as almas attrahem
Por força da sympathia ;
Tal ao céo aroma envia
Das almas o puro amôr.

Eis ahi, donosa virgem,
Do amôr uma tosca imagem,
Pois não explica a linguagem
Mysterios do coração.

Mas eu sei que um anjo prende
Nossas almas n'uma só,
E que se chama esse nó
Sympathia, amôr, paixão.



A' DIAMANTINA

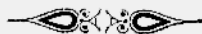
VÊDE a nympha serrana ! Ella se inclina
No outeiro, descansando os pés na rocha,
Que guarda o seu thesouro ;
E' uma flôr que entre rubins desbrocha,
Humectada por fonte crystallina
Correndo em leito d'ouro.

Jaz-lhe na aurora recurvado sêrro,
Longo, escamoso, qual petrificada
Gigantesca serpente ;
Sentinella, que dorme descuidada,
Emquanto rõe-lhe as visceras o ferro
Da garimpeira gente.

Como fragmentos d'alva porcellana
Ao pé do sol sob lâmina lampejam
Desparzidos na arêa ;
Assim aos olhos do viajôr alvejam
Os muros mil da senhoril Serrana
Que de branco se arrêa.

Oh ! eu amo essa nympha tão formosa,
Que sorriu-me ao nascer; aqui me trazem
Lembranças da que amei...
Ali chorei no tumulto onde jazem
As cinzas frias da mulher piedosa
Cujo seio habitei !...

Vinde, amigos, oh ! vinde pressurosos
Bemdizer uma vez meu patrio berço
No solo hospitaleiro,
No adamantino cofre do Universo
Onde estacam os olhos cubiçosos
Do ávido estrangeiro.



O POETA AGONISANTE

Oui, ie mourrai: déjà ma lyre en est en deuil;
Jeuné, je m'éteindrai, laissant peu de mémoire,
Sans peur;.....
VICTOR HUGO

DA MINHA vida os derradeiros élos
Um por um se desprendem denegridos
Sôbre a urna do tempo; está minh'alma
Como um rochedo colossal pesando
Dentro em minha cabeça oppressa e curva,
E o batel de meus dias, arrojado
Aos tufões da desgraça, irá sedento
Beijar as praias da celeste patria...
Oh! já o sôpro gélido da morte
Minh'alma impelle a regiões ignotas,
Emquanto o coração bate mais lento
E pelos membros o torpôr passeia...

Adeus, ó meus amigos, uma lágrima
Na dextra fria do espirante Bardo,
Que só roçou nas illusões da vida,
Nas mentirosas vestes que rebuçam
A estatua immovel, negra, do infortunio !
Sobre os meus olhos erram mil phantasmas
Sem côr, sem fôrma ; e no confuso espirito
Pousam e fogem, trépidos cardumes
De sonoras idéas, como enxames
De abelhas sobre flôr languida e sêcca.
Adeus, inda uma vez ! que já no occaso
Meu sol vacilla, e o véo da noite baixa
Sobre o perdido viajôr da terra ;
Convém deitar-me ao lado do caminho,
A' sombra do cypreste, e sem alentos
Dormir no esquecimento o somno eterno...

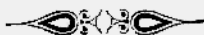
Entre a risonha multidão dos vivos,
Estrangeiro sem nome hei caminhado,
Triste exhalando em suspirosos cantos
Uma por uma as dôres, que em meu peito
Renasciam crueis.... Oh ! a desgraça
Seguiu-me a passo como a sombra ao corpo,
E no meu coração vibora interna
Matou-lhe as emoções, quebrou-lhe as fibras.

Desde o berço da infancia sobraçado
Co'a minha harpa infeliz, arrasto a vida
Pelo valle das dôres, onde inscripto
Encontrei meu lugar por entre tumulos...
Vêde ! meus fracos pés ensanguentaram
As negras pedras da espinhosa estrada ;
E nas azas do Zephyro partidas
Nunca mais soarão minhas endêchas !
Hoje na lage dos sepulchros venho
Quebrar esta chrysalida de argilla,
Que á hospede celeste os vôos tolhe,
E como ao lume a improvida pyrausta
Bater as azas para o sol da vida.

Foi triste o fado meu ! Por entre os raros
E fugitivos sonhos que adejaram
Ao turvo céu de minha juventude,
Sempre, sempre surgiu a escura imagem
D'alguma dôr atroz, e á seu aspecto
Meus bellos sonhos timidos fugiam,
Bem como do rosal fogem as pombas
Ao chegar do milafre. Oh ! lastimai-me !
Na sequiosa taça de meus dias
Foram caindo as horas inflammadas
Como fogo do céu na sarça adusta.

Cantei para olvidar o interno incendio,
E meus queixumes para Deus subiram,
Como o insenço do fervido thuribulo.
Essa chamma do céo, que abrasa o vate,
Crestou-me inteira a flôr da juventude....
Um pensamento só resta entre as cinzas,
Como immortal pyramide, que avulta
Sobre um deserto.... é Deus, que está commigo,
E' Deus que pôz a mão no meu espirito
Para acalmar-lhe os ultimos anceios...

Dai-me a minh'harpa, eu quero, como o cysne,
N'um canto extremo evaporar a vida.



MENSAGEM

BORBOLETA inconstante, voluvel;
Mais que a folha do vento movida,
Este amargo suspiro recebe,
Leva aos aures da minha querida.

Que um zephyro brando deslize
Sob os remos com que tu navegas,
E não turvem os céos tempestades,
E não varram-te negras refregas.

Vai, pequeno, piedoso volátil,
Por mim faze este bom sacrificio,
Que a bonina gentil te receba,
Que te preste a anemona hospicio.

Vai beijando as flôrinhas; Augusta
Lá no centro verás do jardim;
Passa em frente na verde roseira,
A mensagem refere-lhe assim:

Eu, innocente,
Ora voando,
Ora pousando
Para buscar
Meu alimento,
Não tinha assento.

Eu não podia
Pousar nas flôres
De mais licôres
Para os chupar;
O vento dava,
E me levava....

Um desgraçado,
(De certo o era !)
Disse-me:—espera,
Animal lindo,
Vem adoçar
Meu pranto infindo.

Conta á Augusta
Os meus amôres,
Que colhe flôres
Sem suspirar;
Quanto suspiro,
Quanto deliro.

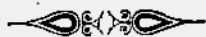
Conta que viste,
Já sem encanto,
Meu rosto pranto
Triste banhar,
Ah! dize á bella,
Que a causa é ella,

Conta que sorves
Da flôr a vida,
E qué bebida
Vás divagar ;
Que assim sem norte,
Me ella dá morte.

Conta-lhe quanto
E's inconstante,
Sem um instante
Jámais parar:
Que tal ingrata,
Ella me mata....

Co'as azas liba o pollen da cheirosa
Rosa,
Que no jasmíneo seio a donzella
Zela:

Mostra-lhe esquivo perto o mais orlado
Lado
Das franjas tuas; se ella te demanda,
Manda
Veloz adêjo aonde não percorre....
Corre
Para quem pressuroso aqui te aguarda,
Guarda
Contra ferros de amôr laços amenos;
Menos
Que os que meu extremo prepara
Para
Uma prisão feliz que não se esvae,
Vai....



À TARDE

I

LÁ DESCANBOU o sol. Vai descorando
Manso e manso o setim vivo-ceruleo
E as vermelhas folhagens que recamam
O concavo do céu. Transluz no occaso
Por debil prisma cambiante facho
De semi-mortaes côres, que se perdem
No azul ferrete do nocturno manto.
Nevadas franjas fluctuando em flócos
Erram nas abas do docel da tarde,
Como da seda azul, que a moça traja,
Candida renda guarneecendo as orlas.
Galerna a viração farfalha, e brinca
Na coma da palmeira ; o mar soluça
Exhalando ineffavel harmonia,
Que os genios do ermo timidos murmuram.

Queixosa a jurity na balsa arrula,
Com ella geme o sabiá saüdososo,
Assim modüla suspirosa flauta,
Assim chama a viüva pelo espôso
Qu'inda tão joven lhe caiu dos braços.

II

Mãi da melancolia, ó meiga tarde,
Que magico pintor bordou teu manto
Co'as duvidosas sombras do mysterio?...
— Talvez são ellas encantados manes
De nossos pais, que errando pelos ares
Vêm segredar co'a nossa consciencia
Dubios emblemas de celestes phrases.....
— Talvez são ellas pallido reflexo
De um côro d'anjos que a milhões de léguas
Sôbre uma nuvem d'ouro descantando
Ante a face do sol longinquos passam....
Não sei! Ha dentro d'alma tantas cousas
Que jámais proferiram labios d'homens....
Entretanto me echoam pelo espirito
Ethereos sons de peregrina orchestra,
Um doce pêso o coração me opprime,
Meu pensamento em sonhos se evapora,
Té de mim proprio sinto um vago olvido,
Um sereno rumôr, que a alma dormenta.

III

Salve, filha dos raios e das trévas,
Melancolica irmã das noites pallidas!
Quem te não ama?... A natureza toda
Murmura ao teu passar mysticas vozes
Repassadas de unção: — todos os olhos
Passeiam tuas tépidas campinas
Bafejadas de nuvens — té parece
Que a terra suspendendo o gyro, escuta
O adeus que o sol te envia além dos montes.
— Limpa o suor o peregrino errante,
E arrimado ao bordão mudo contempla-te
Esquecido do pouso:—sôbre o cabo
Da rude enxada recostado seisma
Nos africanos céos o pobre escravo,
Exhausto de fadiga te abençôa
Do fundo d'alma em barbara linguagem.
Mensageira de amôr, tu annunciás
A hora propicia aos soffrêgos amantes
Da nocturna entrevista, e a donzella
Erma de amôr te acolhe pensativa,
Phantasiando quadros de ventura,
Que o vazio do coração lhe suppram.
— Talvez agora na floresta annosa
Proscripto errante o indio americano
Pára, e eleva-te um cantico selvagem
Nunca ouvido dos troncos que o circumdam.

— Fadem os Deuses pouso ao peregrino,
Liberdade ao escravo, amôr á virgem,
E tardes, como esta, ao triste Bardo!

IV

As inflammadas nuvens já se abatem
Do incendio occidental.—Reina o silencio
Temeroso e fugaz:—a natureza
Entre o somno e a vigilia está suspensa.
Oh! quem não sente susurrar-lhe n'alma
Um desejo ineffavel como os sonhos,
Uma lembrança incerta e vaporosa?!.....
Nesta hora amavel entre a dôr, e o riso,
Magicamente embala-se a existencia;
Em cada coração qu'inda palpita
Sonora cáe da lyra do Universo
Uma nota de amôr e de saúde.
Extatico no cume da montanha
Feroz não ruge o mosqueado tigre,
E o balsamo de amôr, que a tarde mana,
No coração do barbaro se infiltra.
Tudo é viver, mas um viver tão languido,
Tão mysterioso, que parece um sonho:
Calma na natureza, amôr em tudo.

Quiçã longe de urdir sangrentas tramas
De inhospito rochedo em negra cova
Responde agora o anjo do infortunio,
Inimigo dos homens. Tarde ou nunca
De um dormir lethargico desperte !
Vela, genio do bem. vela em seu somno !



LEVIANA

QUANDO um beijo eu lhe pedia
Ella dizia que—sim ;
Mas ao beijal-a fugia,
Fugia longe de mim.

Se eu pedia, ella não dava,
Se eu ralhava, ella sorria,
Se eu fugia, ella chorava,
Se eu voltava, ella fugia.

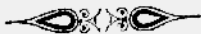
Mas quando scismando vinha
Sentar-se junto de mim,
Não era a mesma louquinha,
Jámais dizia que—sim.

E se eu a beijava então,
O seu coração batia,
E ás suas faces subia
O sangue do coração.

Era formosa sorrindo,
Mas era bella tristonha ;
Melancholica, ou risonha,
Tinha sempre um rosto lindo.

Era o anjo que eu sonhára
Nos jovens sonhos de amôr,
Quando n'um só ajuntava
Os do prazer, e da dôr.

Não mais hão de os sonhos meus
Sôbre os céos ir procural-a,
Para na terra encontral-a,
Já não careço dos céos.



O SOL

ELLE é o rei da luz, enthronizado
Na cupola dos céos ;
Talvez anjo revel incendiado
Pelo sôpro de Deus.

No palacio do tempo elle calcula
Do movimento a idade ;
Fiel ministro os seculos açula
Ao mar da eternidade.

Povos e mundos a seus pés baqueiam,
Do tempo na voragem ;
Mas seus louros cabellos não branqueiam,
São do infinito a imagem.

Que ôlho d'homem jámais fitar podéra
Nessa fronte de Rei,
Se até seus mandos só de longe impera
Dos cometas a grei ?

Astro, tu és a imagem da virtude
Tranquilla na desgraça,
Que espanca as trévas do caminho rude
Por onde o justo passa.

Em vão sacode o mar a espumea clina
Para manchar-te, ó Sol ;
Em vão peneira o céu turva neblina
Em pallido lençol.

Em vão ! surris do mar á iniqua ira,
A nuvem te encobre ;
Ri da inveja a virtude ; ella transpira
Dos andrajos do pobre.

Sossobra o mar erguidos hemispherios,
Tomba o rijo penedo ;
O anjo da destruição varre os imperios,
Mas o sol está quêdo.

E' a urna, que a luz eterna espêlha !
E do raio, que encerra,
Descosido em milhões, cada scentelha
Verte um dia na terra.

Quando entre as nuvens hybernaes reflecte
Seus calidos fulgores,
Verdeja o prado, a neve se derrete,
Desabrocham as flôres.

Aquece o orphão nú ; elle é a imagem
Da eterna providencia ;
Pharol que indica o porto da viagem
Nos mares da existencia.

Quem pôde olhar-te, ó sol, sem ter desejos
De lêr-te a augusta sina ?
Quem pôde lêl-a sem visar lampejos
De uma glória divina ?

Quando elevas a face soberana
Entre as nuvens da aurora,
Sorri-se a terra, e a familia indiana
Prosternada te adora.

E quantos mundos, cuja vida o brilho
De um teu olhar produz !
E quantos gyram em perenne trilho
Em tórno á tua luz !

Ah ! que, se Deus dos homens esquecido,
Te fechasse na mão,
Fôra um tumulo o orbe, submergido
Em gêlo e escuridão !...

E quem sabe se um tumulo inflammado
Pelo fogo do inferno,
E das almas dos reprobos fechado
Por cadeado eterno ?!

Quem sabe ? Tu és como a consciencia
 Ardente do perverso;
Ella não dorme, e abrasa a existencia,
 —Tu ardes no Universo !

Oh ! tu, letra de fogo a mais brilhante
 Do poema celeste !
Fonte do movimento, e que um instante
 Inda não te moveste !

Um dia, quando o Eterno alçando o braço
 N'um pavoroso brado
— BASTA, disser, estalarás no espaço
 Extincto, aniquilado !

O cáhos ha de sorver-te, o seio abrindo
 Com horrído fragôr...
Depois... silencio ! e após hosanna infindo
 Dos anjos ao Senhor...

Ôlho do céo, insana consciencia
 De toda a criação ,
Quem és, brilhante enigma ? O' Providencia,
 Quanto é fraca a razão !



AMARGURA

Oh ! não me pergunteis por que motivo
Pende-me a fronte ao péso da amargura,
Quando um suspiro trêmulo, afflictivo,
Sôbre os meus labios pallidos murmura.

Quando ao fundo do lago a pedra desce,
Globo de espuma á flôr do lago estala:
Assim é o suspiro: elle apparece,
Por que no coração cai dôr que o rala.

Do lago a face lisa espêlha flôres,
No fundo a vista não divisa o ceno;
Assim dentro do peito escondo as dôres
Mandando aos labios um sorriso ameno.

Mas quando uma afflicção acerba e crua
Mais que um rochedo o coração me opprime,
Quando nas chammas do soffrêr estua
Como no incendio o resequido vime ;

Não choro, não ! — De angústias flagellado
Um queixume sequer eu não profiro;
Descai-me a fronte, penso no meu fado....
Oh ! não me pergunteis porque suspiro !....



O ECHO

QUANDO eu era pequenino
Subia alegre, e traquino
Da montanha o alto pino,
Para os echos escutar;
Suppondo ser uma fada,
Que me fallava occultada,
Para ouvir sua toada
Gritava á tôa no ar.

Contava-lhe os meus amôres,
Meus segredos, minhas dôres,
E os desejos matadôres
Que eu tinha no coração;
Eu tinha amôres suaves,
Meus segredos eram graves,
Sentia não ser as aves,
Que no ar voando estão.

Eu amava a nuvem lisa
Que pelo ar se desliza;
Amava o sôpro da briza
Que beija o calix da flôr ;
Amava a lua engraçada
Com sua côr prateada,
Ora inteira, ora cortada,
Sempre triste, e sem calôr.

Ouvir do echo eu queria
Todo o nome que eu dizia ;
Mas o echo repetia
Só das palavras o fim ;
De certo, o mesmo fallando
Estava mesmo pensando,
E o echo me confirmando,
Eu ia dizendo assim :

« Se o teu amiguinho
Fiel não te enfada,
Fada,
Vem já responder-me
Com tua voz linda,
Inda
Se as cousas bonitas
Que alguns disseram
Eram
Verdade ou mentira ;

Meu peito esta tarde

Arde

Por saber se as fadas

Um bello condão

Dão,

Que faz créar azas,

Que se vai volvendo

Vendo

Jardins de outras terras

Cheios de cheirosas

Rosas

Ao pé de uma fonte...

Oh ! isto é assim ?...

Sim !

Pois, dai-me umas azas,

Quero ir na corrente,

Rente,

Ter á mãi das aguas

Que está no profundo

Fundo ;

E vêr perto a nuvem

Que no céu desliza

Liza ;

E vêr se as estrêllas

São frias, ou quentes

Entes ;

Se ha anjos na lua,
Se o sol tem cabellos

Bellos...

Tu que és uma fada
Depressa responde

Onde

Acharei taes azas?
Eu hei de atroar

O ar

Bemdizendo as fadas
Que o mago condão

Dão.

Oh! tu juras dar-me
Um condão assim?...

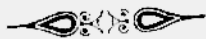
Sim!...

Adeus, boa fada,
Que o dia se esvai...

Vai...

Amanhã as azas,
Oh! não é assim?

Sim!...



A CREAÇÃO

QUANDO tudo era Deus, quando só Elle
Pejava o horror do espaço ;
Deus disse :—é bom que surja o Universo,
Recuemos um passo.—

Depois co'a dextra contrahindo o vacuo
Informe, e tenebroso,
Deixou cair o Universo inteiro
No espaço luminoso :

O silencio expandiu-se ; era um sussurro
De sublime harmonia ;
Hymno da vida, porque o sol gyrava
O primitivo dia.

Um chuveiro de mundos despenhou-se
Pelos desertos ares,
Como a saraiva, ou como os grãos de arêa
Lá no fundo dos mares.

Rodava a terra verde, e a lua pallida,
Ia a noite após ellas,
Mas caiu sôbre as trévas, que fugiam,
Uma chuva de estrêllas.

Os cometas correram desgrenhados,
Quaes profugos do inferno,
Levando aos astros dos confins da esphera
Os decretos do Eterno.

Do seu leito de abysmos o oceano
Tenta em vão levantar-se;
Vem tombando, mugindo, e espumando
Co'as terras abraçar-se.

Abre o condôr as azas sôbre nuvens,
Leviathan os mares;
E os jubados leões, bramindo atroam
Os echos dos palmares.

Vem descendo dos montes, debruçados
Como enormes serpentes
Pelas campinas té beber no oceano,
Os rios e as correntes.

Os passaros cantando, a luz da aurora
Flôreos botões desata;
A selva freme, a viração murmura,
Sussurrando a cascata.

Immovel nos umbraes da Eternidade,
Té li o tempo estava;
Mas após o primeiro movimento
Já veloz caminhava.

Então milhões de mundos, e mais mundos,
Céos, e céos ao redor,
Todos em brado universal cantaram
Hosana ao Creador.

No meio da harmonia do Universo
Deus despertou o homem,
Lançando sôbre a terra um véo de nuvens
Que ao seu olhar o somem.

Cc'a dextra incerta tateando os ares
O homem despertava...
Ebrio de vida, os membros apalpando,
— Tu quem és ? — perguntava.

Tentou fallar; do peito a voz lhe brota,
E recúa admirado;
As aves cantam, e o cantar das aves
Escuta extasiado.

Quiz caminhar, correu pela planicie,
E galgou as collinas:
Derrama em tórno, ao longe, o olhar vago,
Vê montes e campinas.

Os echos escutou por muito tempo,
 Encruzados os braços,
E de lá vem descendo pensativo
 Com vagarosos passos.

Debalde as vistas erra pelos troncos
 Da numerosa selva ;
Em vão percorre as grutas, fatigado
 Assenta-se na relva.

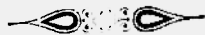
Pensa, medita, e erguendo-se mais forte
 De novo a selva explora ;
Volve, revolve tudo, e o vazio
 Do coração deplora.

Subito estaca palpitante o peito,
 E co' o abraço aberto....
Estão seus olhos devorando a scena,
 Que descortinam perto....

Na borda de uma fonte crystallina
 A mulher se mirava ;
Rubra de pêjo, as graças inda nuas
 Co'as brancas mãos tapava.

Ria-se á sua imagem ; para ella
 Os braços estendia....
Mas vendo a sombra abrir-lhe um terno abraço
 Recuava e sorria.

Elle exclama : eras tu ! E ella fugia
Co'as faces em rubôr...
Não pôde proseguir, caiu, caíram,
E levantou-se Amôr !



HYMNO DA CREAÇÃO

Que mão mysteriosa me conduz ?
Vai pelo espaço o globo rodeiando
Accelerado, infrenne....
Trévas medonhas, lampadas de luz
Sôbre a minha cabeça vão rolando
Em um gyro perenne....

O' terra, ó sol, ó noite, ó céos, e mares !
Quem sou ? quem sois ? Que mão mysteriosa,
Que fôrça sempiterna
Fabricou, e sustenta sôbre os ares
Esta máchina immensa e magestosa ?
Que sabio a governa ?

A TERRA

Seja a terra, Elle mandou,
E eu fui no profundo espaço;
Impelliu-me com seu braço,
E meu gyro começou:
O meu primitivo passo
Ao veloz tempo marcou
A origem da sua idade;
Eu rasguei a immensidade,
E Elle da eternidade
O immovel seio rasgou.

O SOL

Seja a luz, disse o Senhor,
E eu no abysmo rutilai,
Longe as trévas arrojai
Que occultam dos céos a côr;
E eu que sou do espaço rei,
Co'a luz dos olhares meus
A vida aos mortaes dardejo;
São estréllas meu cortejo,
Do universo as molas rejo,
Mas regem-me as mãos de Deus!

O MAR

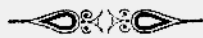
A minha informe amplidão
Do infinito é tósca imagem;
O brado é minha linguagem
No hymno da criação !
P'ra render minha homenagem
Tento aos astros me arrojlar,
E sôbre mil escarcéos
Louvar ao Senhor nos céos...
Mas quebra os arrojos meus
Do Senhor um só olhar !...

A NOITE

Eu sou a mãe do repouso,
Que na terra o somno espalho,
E com lágrimas orvalho
O hemispherio sequioso;
O sol protege o trabalho,
Eu sou a socia de amôr;
Mas visto estrellado manto
Para alçar perenne canto
Ao nome tres vezes santo,
Ao nome do Creador.

O HOMEM

Eu sou um raio finito
Da infinita intelligencia,
Que no livro da existencia
Leio em toda a parte escripto
O nome da Providencia,
Do Deus, do Senhor, do Pai !
Eia, ó céos ! ó terra ! ó dia !
O' mar ! ó noite sombria !
Juntemos nossa harmonia
Para louvar Adonai !...
Nós, ó senhor, te louvamos,
Nós, Senhor, te bendizemos,
E a fonte donde descemos
Perpetuamente adoramos !
Hosana, hosana entoemos
Ao Deus, ao Pai, ao Senhor !
Hosana de noite, e dia,
No céo, na terra, á porfia,
E em toda a parte harmonia
Ao Deus, ao Pai Creador !...



A ROSA BRANCA

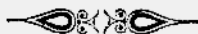
GUARDA essa flôr, ó querida,
Sim, guarda-a por tua vida
Bem junto do coração;
Ella é a flôr da innocencia,
Inda não fanou-lhe a essencia
Nenhuma profanação.

Imita essa flôr singela,
Na candura a flôr mais bella,
Que nasce no coração:
Senão verás de desgosto
Co'as azas cobrir o rosto
O teu anjo guardião.

Colhi-a hoje do galho,
Inda humida do orvalho
Da luz ao primeiro alvôr;
E já zephyros ligeiros
A cercavam bandoleiros
Com muitos modos de amôr.

Não depuz nella um só beijo,
Pois seria de sobejo
Para manchar-lhe o candôr;
Para que logo murchasse,
E de branca se tornasse
Na mais purpurina côr.

Sê pois como a flôrzinha,
Tenha ella uma irmãsinha
Dentro de teu coração:
E' a rosa da innocencia,
Rosa de angelica essencia,
Que Deus só ama em botão.



DESENGANO

VAI-TE, esperança,
Com teu sorriso;
Nelle diviso
Os laços teus.

Rompeu-se a venda
Que me illudia;
Eu não te via
Co'os olhos meus.

Tarde conheço
Que entre carinhos
Cravas espinhos
No coração.

Fui teu ludibrio:
Mas os teus laços,
Hoje em pedaços
Feitos estão.

Hoje a descrença
Meu peito habita ;
Minha alma afflicta
Trévas trajou.

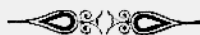
E o bem que eu via
No meu futuro,
N'um véo escuro
Se eclipsou.

Porvir sonhado,
Amôr celeste,
Nada me deste,
Nada, cruel!

Do amôr na taça
Traguei ancioso
Nas bordas—gôzo,
No fundo—fel.

Tu me trahiste,
O' esperança !
Esta lembrança
Me matará.

Vai-te, falsaria,
Já não te creio ;
Nem mais meu seio
Te acolherá !...



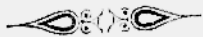
SONETO

HA TORMENTOS sem nome, ha desenganos
Mais negros que o horror da sepultura;
Dôres loucas, e cheias de amargura,
E momentos mais longos do que os annos.

Não são da vida os passageiros damnos
Que dobram minha fronte;—a desventura
Eu a desdenho... A minha sorte dura
Fadou-me dentro d'alma outros tyrannos.

As dôres d'alma, sim ; ella sómente
Algoz de si, acha um prazer cruento
Em torturar-se ao fogo lentamente.

Oh ! isto é que é soffrer !—nenhum tormento
Vale um gemido só d'alma tremente,
Nem seculos as dôres de um momento !



CANÇÃO

VEM, meu bem, que o véo da noite
Está bordado de estréllas :
Estas horas são tão bellas
Para quem vive de amôr !...

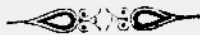
Quero vêr por entre as sombras
De teus olhos o fulgôr !

Tudo repousa em silencio !
Apenas a fresca aragem
Vem deixando na ramagem
Apaixonado rumôr.

Quero ouvir tua voz doce
Dizer-me phrases de amôr !

Mas tu não vens apressada
Com teu semblante risonho,
Tu dormes, talvez em sonhos
Abraças o teu cantor.

Adeus !—voltarei ainda
P'ra cantar-te o meu amor !





Teus olhos são noite escura,
Onde sorrindo fulgura
Um raio da luz do céu ;
Nelles tu'alma diviso,
Como vejo o paraíso
No cris do nocturno véo.

Mas teus labios, onde mora
O sorriso e a côr da aurora,
Encantos tem sem igual ;
Se és no olhar a noite escura,
E's nos labios a pintura
De uma aurora boreal.

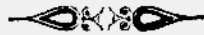
Eu amo esses negros olhos
Que revelam d'alma os fólhos
Com virginal isenção ;
Que sorriem, que se inflamam,
Que proferem, quando amam
Linguagens do coração.

Mas a palavra sahida
Pelos labios tem mais vida,
Mais fragrancia e mais ardor ,
Como sahe mais viva a essencia
Na risonha florescencia
Do casto seio da flôr.

Eu amo esses labios, quando
Fechados vejo imitando
A descorchada romã ;
Eu os amo prazenteiros
Vazando risos fagueiros
Como o sorrir da manhã.

Amo essa rosa vivente,
Que o ardor de um beijo sente,
Por ser a rosa do amôr ;
E que em trôco de carinhos
Não dá cruentos espinhos
Bem como do prado a flôr.

Se de teus olhos, divina
Vem a luz que me illumina
D'alma a espessa cerração,
Dos labios, bella, consente
Desça a phrase, que avivente
Meu ferido coração !



À MORTE DE UM PASSARINHO

Elle amava o campo, as flôres,
O céo, a lua, as estréllas,
E tudo... menos o amôr!

BYRON

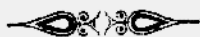
Não chores, Nize, a avesinha
Que o fado roubar-te veio ;
Antes a morte em teu seio,
Que a vida longe de ti.

Ella prendeu-se por gôsto
Em teus cabellos trahidores,
Preferiu grilhões de amôres
A's azas do colihry.

Enxuga pois os teus olhos,
E sôbre o tumulo della
Depõe a saüdade bella
Por epitaphio de amôr !

Foi o amôr, quem roubou-te
A feliz alada escrava,
Pois quasi inteira occupava
Teu fechado coração.

Amôr quiz deixar vazio
Teu peito p'ra outro affecto,
Teu peito está de suêto,
Agora, aprende a lição.



DUAS AURORAS

LA' DESPONTAM no Levante
Entre candidos vapores,
Os primeiros resplendores
Do purpurino arrebol.

Já da noite os véos sombrios
No occidente empallidecem ;
Sôbe a luz, as nuvens descem,
Foge a noite, assoma o sol.

Sôbre o páramo dos ares
Um véo de luz se derrama,
Que nas pérolas da gramma
Vem sorrindo scintillar.

Estão as viçosas flôres
Abrindo os botões odóros,
E mil passaros sonóros
Sôbre as ramas a trinar.

Preguiçoso rôla o rio
As verdes praias beijando,
Longamente murmurando
Um carpido adeus de amôr.

Da folhagem do arvoredô
Doces lágrimas gottejam ;
E mil zephyros adejam
Pousando de flôr em flôr.

Vem commigo, ó minha amada,
Saüdar esta aurora bella ;
Não tenho sem ti, donzella,
Nem um completo prazer.

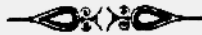
Vem, do teu amante ao lado,
Pousar neste chão de flôres,
E a linguagem dos amôres
Com as aves aprender.

Vem, depressa, ó minha pomba !
Vem com teus labios risonhos
Contar-me os singelos sonhos
Que em tua alma o céo verteu.

Eu quero tambem contar-te
Um sonho, um sonho mui bello,
Desejo, ó virgem, vertel-o,
Guardal-o no seio teu.

Traze os teus louros cabellos
Soltos á briza ligeira,
Assim como a vez primeira,
Que neste prado te vi!

Na minha lyra dourada
Vibrando as cordas sonoras,
Cantarei duas auroras,
Uma nos céos—outra em ti!



A MINHA ESTRELLA

POR ENTRE as trévas da noite,
Que cercam minha existencia,
Brilha um astro de innocencia,
Que é minha estrélla polar;
 Nos abysmos de minh'alma .
 Só ella pôde brilhar.

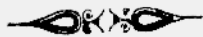
O clarão frouxo da lua
Já desmaia no horizonte,
E o della na minha fronte
Inda não veio pousar:
 Ide, ó sons de minha lyra,
 Em tórno della adejar.

Vem, ó flôr do ethereo prado,
Vem, meu anjo, sem receio,
Entornar dentro em meu seio
Teus perfumes, teu olhar:
 Por tua alma innocentinha
 Minha alma quero trocar.

Mas olha que a noite é negra,
São frios do inverno os gelos ;
Eu já sinto em meus cabellos
O sereno a gottêjar;
 Não erram no céu estrêllas,
 Nem ousa o mocho piar.

No meio deste silencio
Ouço o sussurro da fonte,
Que vem descendo do monte
Com sonoro crepitar:
 Eu ajunto ás vozes della
 O echo do meu cantar.

Mas talvez que adormecida,
Recostada em teu postigo,
Sonhando, ó virgem, commigo,
Vão meus cantos te acordar...
 Adeus, ó virgem, que o Bardo
 Não quer teus sonhos turbar.



CIÜMES

TALVEZ não seja assim ! ella me amava,
Sôbre os joelhos meus jurou-me amôr,
Seu peito no meu peito palpitava,
E eu não fui trahidor !

Com seus labios de fogo me beijava...
Seus labios me juraram muito amôr !
Talvez não seja assim ! ella me amava
E eu não fui trahidor !

Qu'importa um só sorriso á outrem dado,
Se n'um sorriso não se enxerga amôr ?
Ella o jurou ! eu era o seu amado,
E eu não fui trahidor !

Se aos outros mostra mais patente agrado,
Talvez ciüme... nisto eu vejo amôr....
Quem sabe ? Mas eu era o seu amado,
E eu não fui trahidor !



A UNS ANOS

Criserit illo, criscetes, amores.
VIRGILIO

SE É mais risonha a estação das flôres
A placidez do outomno é mais amena ;
São amaveis, se diz, da aurora as côres,
Ama-se a tarde tépida e serena.

Eis-te no outomno ; mas p'ra teus primôres
Flôres ainda a natureza gera ;
O orvalho do céu fadou-te flôres,
E's o outomno a par da primavera.

Tu que viste descer ainda um anno
Pela caudal torrente das idades,
Sabes que a taça do destino humano
Não se orna de jasmims, mas de saüdades.

Oh ! a saúde é filha de outros prados,
E procura nos céos a patria bella,
Refaz da vida os gyros palmilhados,
Sobe ao seio de Deus, origem della.

E quem não sente no silencio d'alma
Uma lembrança vaga, indefinida,
De uma patria melhor, mais pura, e calma,
De uma existencia outr'ora já vivida ?

A saúde nasceu dessa lembrança,
Gravada n'alma em vaporosos traços ;
Ella tambem é fonte da esperança,
Que em sonhos nos conduz de Deus aos braços.

Esperança e saúde—eis os extremos
Desta mundana, ephemera viagem...
Não choremos um anno ! não choremos
Da terra ao céu a rapida passagem !

Assim corram teus dias—tão suaves
Como a nuvem de Abril, tão deleitosos
Como de tarde o cantico das aves,
Galernos como os zephyros mimosos

Se hoje o sol doura.
Teu bello dia,
N'alma a alegria
E' como o sol.

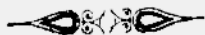
Ella despona
Por entre as dôres,
Como os fulgores
Do arrebol.

Quem vê teus dias
Como eu deviso,
Desprende um riso,
Que á alma vem,

Crêar virtudes
De envolta em flôres,
Eis teus amôres,
Eis o teu bem

Eu amo as flores,
Amo a virtude,
Meu canto rude
Sabe-as cantar.

Se a voz que entôo,
Não tem encanto,
Vem d'alma o canto,
Pois sei amar.



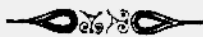
DESPREZO A GLORIA

SEMPRE aos Deuses pediram meus votos
Pouca sombra, uma gruta, uma lyra,
Uma gruta em lugares remotos
Onde a musa os meus versos inspira.

Mas em vão busca amôr a minh'alma,
Em seu ermo ella está merencoria :
Para mim que feneço com calma,
Que me importa o ruído da glória ?

Que me importa o ruído da glória
Sôbre um carro dourado correndo ?
E dos homens viver na memoria,
Quando vivo estou mesmo morrendo ?

Essa glória que vêdes sorrindo,
E' a morte trajada de brilhos ;
Sôbre a campa sorrisos fingindo,
E chamando os heróes por seus filhos !...



MOTE

O cypreste verde, e triste,
Cópia da minha figura,
Verde qual minha esperança,
Triste qual minha ventura.

GLOSA

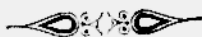
DEUS na linguagem das flôres
Sabiamente a historia exprime
Da mágoa que nos opprime
Neste valle de mil dôres ;
Na sultana dos amôres
Na rosa, ó Deus, resumiste
Toda a ventura que existe
Nos jardins do coração ;
Pintar fizeste a paixão
O cypreste verde, e triste.

Que grande, e vário poema
Nessas páginas de flôres,
Nessas hervas, e verdores
Que são da vida o emblema!...
Não! por mais que folgue ou gema
Qualquer outra creatura ;
Na polé da desventura
Ninguem como eu ha gemido,
Pois no cypreste hei tido
Cópia da minha figura.

Houve um tempo (oh! que saúde
Guardo delle na minh'alma!)
Houve um tempo onde vi calma
Toda a minha mocidade,
Nos braços da felicidade
Crescer em doce alliança ;
Fonte era límpida, e mansa,
Onde a sombra prasenteira
Ia estampar a palmeira
Verde qual minha esperança.

Ai! o tufão da desgraça
Prostrou a florida palma,
Na fonte límpida e calma,
Onde turva hoje só passa ;
Sim, tudo isto retraça
Minha sorte triste, e dura ;

Vem, ramo de còr escura,
Vem, que eu do peito te amo,
Vem, cypreste, vem, meu ramo,
Triste qual minha ventura.



TE

TEUS OLHOS são como a noite
Trêvas e luz ;
O' anjo, o céu em teus olhos
Se reproduz !

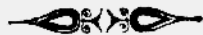
Tu'alma inda não conhece
Teu coração ;
Rubor que te accende as faces
E' sem razão.

Innocente, quem gozára
Comtigo o céu !
Quem dos amôres comtigo
Rasgára o véo !

Quem descerrára teus labios
C'um doce beijo !...
Dizendo—amôr— e em teus olhos
Vira um desejo !

Tua face é como a aurora
Púrpura e luz !
O' anjo, a aurora em teu rosto
Se reproduz !

Quero viver em teus olhos,
O' innocente !
Quero adorar-te prostrado
Eternamente !



SONETO

FAÇO timbre uma vez de aborrecer-te,
Mil vezes faço timbre de adorar-te,
Tuas faltas de amôr mandam deixar-te,
Minha viva paixão manda querer-te.

Se procuro, cruel; deixar de vêr-te,
A tristeza me cêrca em toda a parte;
Se para allivio meu busco fallar-te,
Sinto n'alma pezar de conhecer-te!

Oh! tu, causa cruel de meus tormentos,
Oh! tu, querida ingrata! minha sorte
Ouve; escuta meus ais, e meus lamentos!

Já que viver não posso em tal transporte,
Já que o céo não me muda os soffrimentos,
Ou muda tu de genio, ou dá-me a morte!



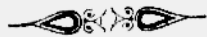
NO TUMULO DE UM INFANTE

ESTRÉLLA d'alva ao despontar da aurora,
Cêdo tombei nos mares do occidente ;
Despi da vida a tunica innocente,
Contando apenas de existencia uma hora.

Regou meu pranto o maternal regaço,
De um berço a orla foi meu horizonte ;
Banhei as azas na sagrada fonte,
Leve remonto-me ao celeste espaço.

Eu vou depôr nas mãos de um Pai mais terno
Da innocencia o angelico thesouro ;
E terei por berço uma nuvem d'ouro,
Uma aurora melhor, um sòl mais puro.

A li deitado ao pés da Divindade
Trocam-se em luz. da morte os vãos horrôres ;
Ai ! a vida é um berço de mil dôres,
A campa o berço é da eternidade !



ELLA

MAIS bella que as sylphos, que em placidos sonhos
Vagueiam na mente juncada de amôres

De linda donzella ;

Mais bella que um —quero— de labios risonhos,
Que os astros da noite mais bella, que as flôres,
Mais bella, mais bella !

Mais pura que a limpida fonte deitada

Na candida arêa, mais pura que a briza,

Que baixo murmura

Nas folhas, mais pura que préce sagrada,

Que a nuvem azulada que a aurora matiza,

Mais pura, mais pura !

Mais meiga que uns olhos morrendo de amôres,
Mais doce que o canto da rôla saúdosa
Na flórida veiga ;
Mais doce que o canto sem causa, sem dôres,
Que um beijo furtivo de virgem medrosa
Mais doce, mais meiga.

E' anjo celeste dos céos exilado,
E' anjo incarnado que a terrea natura
De corpo reveste :
Não fosse ella um anjo celeste incarnado
Que ás plantas lançára-lhe uma alma !—loucura!
E' anjo celeste !



AOS ANNOS DE UMA SENHORA

Nunc preciosissimus annus.
VIRGILIO

HOJE o teu anjo mais um élo enlaça
Na dourada cadêa de teus annos
 Enramada de flôres :
Teu sol radia sem fanar-te a graça,
Celebra os teus dotes soberanos
 O genio dos amôres.

Virgem, é bella a aurora de teus dias,
Bello o teu deslizar na flórea senda
 Da fresca juventude :
Não deslustram teu céo nuvens sombrias,
Nem do infortunio a mão rasgou-te a venda
 Da placida virtude.

Inda na margem da existencia cantas
C' os sorrisos nos labios, desfolhando
 A rosa das delicias ;
Do tempo as ondas vem lamber-te as plantas
E para a outra margem vão levando
 De teu ser as primicias.

E tu passas além—não vêm teus olhos
O marco assente ás bordas do caminho
 Onde um anno se conta...
Assim o aleyon por entre escólhos
Vai descuidoso demandar seu ninho
 Lá onde o sol desponta.

Mas eu, que proseguindo nos teus passos
Choro os meus dias, conto-te os momentos
 Da renovada aurora,
Hoje na lyra vibro uns sons escassos,
Quero ajuntar teu nome aos meus accentos
 Na cythara sonóra.

Escuta : a fonte da vida
Limpida sempre não passa,
Lá vem a mão da desgraça
Suas ondas perturbar.

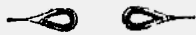
Nesta viagem terrestre
O caminho é bronco e rude,
Só a dextra da virtude
Póde os teus passos guiar.

Ha na terra um véo celeste
Que protege a existencia,
E' o manto da innocencia,
Da virtude o santo véo.

Goza, ó virgem, do perfume
Dessa flôr da mocidade,
Que a patria da felicidade
Sômente existe no céu.

Sê feliz: corram-te os annos
Bem como a lua na esphera ;
E de tua primavêra
Sô tu a mais bella flôr.

Em quanto as auras da vida
Teu baixel vão bafejando,
Ama sorrindo, cantando :
—Deus, a Virtude, o Amor !—

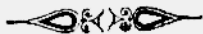


EXTASIS

QUANDO após longa e pensativa pausa,
—Eu te amo—dizem teus sonoros labios,
Baixa do céc, e pouxa na minh'alma
Uma nuvem de offertas tão suaves,
Como de um sonho os magicos effluvios...
— Em extasis me embebo, e nem meus labios
Podem ao menos susurrar

—Eu te amo !—

A tua voz percorre as minhas veias,
Banha-me o coração, cérca minh'alma,
Enleia-me a existencia, e—teu escravo—
Soffro, gemo, desvairo, e quasi expiro...



ENTHUSIASMO

Away, away
BYRON

I

Murro bem, meu ginete brioso,
Morde o freio, sacode essas crinas,
E responde teu rincho feroso
Ao rugido feroz do canhão !
Corre, vôa por essas campinas
Alastradas de tropas imigas,
Que eu ahi ceifarei como espiga
Da seára co'a espada na mão !

II

Vôa, rasga esse muro de ferro
Com teu peito de ferro mais forte,
Que elle ha de tombar como um pèrro,
E tu has de esmagal-o no chão;
Minha espada é a fouce da morte,
Teu galope é veloz como o raio,
São meus golpes lethaes onde cáio,
Teu nitrido é a voz do canhão !

III

Eia, avante ! derruba por terra
Esse bosque enfachado de lanças,
E mil craneos, e ossos enterra
De teus rapidos pés ao tocar !
Que no mesmo caminho onde avanças
Após ti vem correndo a victoria !
Oh ! tu sabes ao porto da glória
Entre nuvens de balas chegar !

IV

Tua cauda orgulhosa é açoute
Que nas faces dos vis tu resvalas;
Tua côr é mais negra que a noite,
Minha espada mais clara que o sol !
São teus olhos flammivomas balas,
Nosso sôpro é sulfurea fumaça !
Quem de vêr-nos tiver a desgraça
Não verá mais clarão do arrebol.

Oh! não déra estes campos medonhos
Pelos reinos que existem na terra;
Não trocára por jogos risonhos
Mil perigos que vêm do tropel!
O meu reino é o campo da guerra,
Minha espada é meu sceptro, e thesouro,
Minha c'róa é um ramo de louro,
O meu throno este bravo corcel!



A MINHA ROSA

Não é para cantar scenas de amôres
Que erro meus dedos sôbre as frouxas cordas
Da minha harpa infeliz; —nem dos meus labios
Dimanam como outr'ora os versos faceis,

Que a ventura inspirava.

Canto para echoar em sons queixosos
As lembranças crueis que me laceram
A mente angustiada; —eu canto amigos,
Para ouvir uma voz, que me lastime
Com verdadeira mágoa, e que gemendo
Aos ventos narre minha triste historia.....
Canto para entornar sôbre minh'harpa
Negras recordações, dôres que augmentam
C'ô muito imaginar, e que não posso
Em lágrimas verter dos olhos áridos.

Já gozei, como vós! da flôr dos annos
O perfume aspirei inda na aurora
Da minha juventude, quando um astro
Innundava de luz meu horizonte
Limpo de nuvens, quando a voz de um anjo
Fallava-me do céu, e filha delle
Com osculos de amôr me ungia os labios....
Tempo ditoso!... Para mim brilhavam
As estréllas no céu, no prado as flôres,
Um sol de fogo, e a lua esmorecida;
P'ra mim cantava o sabiã canoro,
Bradava o mar, o zephyro gemia,
A tarde era serêna, o bosque verde,
E a fonte harmoniosa.

Era uma orchestra a natureza toda,
E os échos da montanha repetiram

Meu cantico de amôres.

De rosas enramei a lyra de ouro
Para cantar da minha amada o nome,
Mais doce do que o mel, vibrei-lhe as cordas,
Que ao toque de meus dedos palpitavam
De glória, e de prazer!... Oh! que é das flôres
Que outr'ora engrinaldaste-me na lyra,
O' minha pomba tímida, e innocente?
Que é dos magicos sons que então feriamos,
O' minha lyra triste, e malfadada?
Tudo foi como as illusões de um sonho,
Que affaga a mente, rapido evapora-se....

Que funesto acordar ! Hão de os meus dias
Nas trévas sepultar-se antes que um riso
Floresça nos meus labios; hão de as aves
Saüdar cantando á verde primavera,
Ha de o rio volver seu manso curso,
O céu ha de anilar-se, a terra inteira
Inda será feliz, enquanto eu gemo
Longe dos homens, de emoção vazio,
Esperando que alvejem meus cabellos
Nesta fronte abrasada....

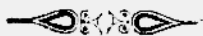
Ah! que a fria mão da morte
Quebrou a última flôr
Do meu jardim de esperanças,
A rosa do meu amôr.

Deixou-me a celeste musa,
E a minha saüdosa lyra
Já não palpita de amôres,
Mas chôra, geme, e suspira.

Neste valle de amarguras
O que me resta esperar?
Irei no arraial dos mortos
Minha tenda levantar.

Venha a hora em que eu aviste
Na patria do Creadôr
A Musa da minha lyra,
A rosa do meu amôr.

Saüdade, inspira meus cantos,
Meu destino é como o teu;
Juntos cantemos chorando
A rosa do peito meu!....



SO' SE PODE AMAR NO CÉO

Não, tu não sabes, donzella,
O que é descrêr do futuro ;
No teu horizonte puro
Fulge ainda estrêlla bella.

Não tentes rasgar o véo,
O santo véo da innocencia,
Que vela a tua existencia
Anjo caído do céu !

A innocencia é a redoma
Que encerra as delicias d'alma,
Quebrada, quebra-se a calma,
E lá o infortunio assoma.

Não é reflexo do empireo,
Virgem, o amôr terreal ;
E' antes sonho infernal,
Que produz atroz martyrio.

Levanta, pois, os teus olhos
Para o claro azul dos céos ;
Lá verás anjos, e Deus,
Na terra só vês abrolhos.

Olha, ó moça, se é preciso
Que eu te adore, ah ! eu te adoro ;
Porém do peito deploro,
Não poder dar-te um sorriso.

Amei ; n'um céu de ventura
Já sonhei gozos infindos ;
Mas toldou sonhos tão lindos
Da descrença a noite escura.

Quanto amei ! só Deus o sabe:
Eu tenho uma alma de fogo ;
Oh ! findou-se o sonho logo,
Em meu peito amôr não cabe.

Já nem resta-me a esperança !
Apenas de quando em quando
Do passado um écho brando
Vem soar-me na lembrança.

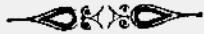
Não chores, virgem, teu pranto
Vai derramar junto á cruz ;
Prantos de um anjo de luz
Deus enxuga com seu manto.

Eu, que avistei no horizonte
Bella estrélla, hoje perdida,
Não choro, tenho exaurida
Já das emoções a fonte.

Volve, pois, os teus olhares
Para a mansão da innocencia
Que a urna desta existencia
E' cheia só de pezares.

Mas quando ás bordas da campa
Revererês na memoria
Essa página da historia
Que a desdita nossa estampa;

Nos finaes suspiros teus
Dirás com riso tristonho :
—O amôr na terra é um sonho;
Só se pôde amar nos céos.



DESPEDIDA

QUANDO chega de outros climas,
Aonde vagou perdida,
A andorinha que adora
A primavera florida,

Ella vòa prazenteira
Debaixo do céu antigo,
Saudando de tecto em tecto
O seu conhecido abrigo.

Como ella, depois da ausencia,
Volto á casa conhecida,
Fui passar em outras terras
A primavera da vida.

Como ella saúdo agora
Esta bemdita mansão,
Aonde pousado havia
Na minha flôrea estação.

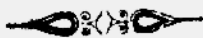
Porém tudo está mudado;
Estes climas são melhores,
Se deixei botões fechados,
Os botões hoje são flôres.

Parece que nestes montes
Passou o sôpro de Deus,
A ventura aqui derrama
Os dons e os encantos seus.

Este céu falla á meus olhos
Minh'alma estas flôres ama,
Mas cumpre levar meus dias
Aonde o dever me chama.

Adeus! eu levo a saúde,
Mas deixo meu coração;
Commigo vai destas horas
A doce recordação.

Cada qual tem uma estrêlla
Que rege os destinos seus,
Adeus! que a minha me arrasta,
Ainda uma vez— adeus!



CANTO DE AMOR

Oh ! dize-me, anjo perfeito,
Que guardas dentro do peito
 Meu coração,
Por que tu és a ventura,
Que ha tanto tempo procura
 Minh'alma em vão ?

Tua voz tem mais encanto,
Tem mais doçura que o canto
 Do sabiá;
Teu riso é mais engraçado
Que o riso fresco e rosado
 Que a aurora dá.

Teu olhar mais gôzo excita
Que a estrélla que lá palpita
 No azul do céu;
São de sêda os teus cabellos
E imitam seus negros élos
 Da noite o véo.

E' grato o matiz das rosas,
Mas tens nas faces formosas
 Melhor matiz;
E' bella do liz a alvura,
Mas tu vences na candura
 A côr do liz,

Da garça o collo garbozo
Não é assim tão donoso
 Como é o teu;
Tuas mãos são pequeninas,
Como são as mãos divinas
 Que ha no céu.

A tua cintura breve
E' mais flexivel e leve
 Que o beija-flôr;
E' branca a tua roupagem,
E do teu gesto a linguagem
 Só diz—amôr.

Dize-me, ó anjo perfeito,
Que guardas dentro do peito
 Meu coração,
Porque tu és a ventura
Que ha tanto tempo procura
 Minh'alma em vão?

Jura que toda te inflammas
Do meu coração nas chammas,
 Chammas de amôr;
Que queres na chamma activa
Abrasar a alma captiva
 Do trovador.

Vem, pois. men anjo, eu preciso
Beber tua voz n'um riso
 Melhor que o mel;
Sorver tu'alma em teus olhos,
Prender-me da trança aos molhos
 N'um só annel.

Do teu cabello nas trévas
O rosto da aurora elevas
 Como um rosal;
Quero vê-lo entre os cabellos
Como do pólo entre os gêlos
 Luz boreal.

Quero vêr do collo os pòmos,
Donde quer saltar de assomos
O coração;
Como de pomba dous seios
Que em uniformes anceios
Batendo estão.

Dá-me as mãos, quero beijal-as,
Toma as minhas para atal-as
Em nó de amôr;
Pois n'um abraço, presinto,
Vão-te quebrar pelo cinto
Como uma flôr.

Oh ! dize-me, anjo perfeito,
Que guardas dentro do peito
Meu coração,
Porque tu és a ventura
Que ha tanto tempo procura
Minh'alma em vão ?



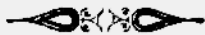
A' NOITE

DEIXEI de insomnias cercado
O meu solitario leito
Para vir contar-te, ó noite,
As angustias do meu peito

Toda de luto trajada,
Tão tristonha como eu. .
Teu triste aspecto harmonisa
Com as dores do peito meu.

Se tu vêlas só na terra
Chorando teu triste fado,
Quantas lágrimas derrama
Quem é como eu desgraçado !

Se eu vivera n'um sepulchro.
Mais negro que o manto teo,
Tão desgraçaeo não fôra
Com as dores do peito meo.



CONSOLAÇÃO

A's VEZES quando a lua melancolica
Empallece o setim da azul redoma,
E o globo adormecido ;
Quando ao roçar da briza a lyra eolica
Suspira, e um vagido aos céos assoma,
Qual de infante perdido ;

Quando o silencio, fugitivo errando
No arvoredado, um rumor vago desperta,
Que presto se esvaece ;
Quando ao longe erma estrélla palpitando
Attrahe os olhos, e lembrança incerta
Sôbre lágrimas tece ;

Eu vou sentar-me á sós com as minhas mágoas,
Com os meus suspiros na fragosa crista
De um rochedo do mar ;
Ali não vejo os homens ;—sobre as aguas
Balança o céu,—nenhum batel se avista
No horizonte á vagar.

Então da vida as fontes não golfejam
Sangue,—converso á Deus dentro em minh'alma
Sem palavras do mundo :
E sinto esses momentos, que gottejam,
Como orvalho do céu, celeste calma
Do coração no fundo.

De lá derramo os olhos macerados
Por essas praias, onde outr'ora em fios
Correu do Indio o pranto :
Tristes ! assim pudesse eu dar meus fados
Por seu exilio nos sertões sombrios,
Da guaraponga ao canto !

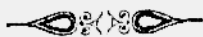
Ali n' harpa dos ermos entoára
Doces votos de amôr desconhecidos
Aos bosques indianos ;
Lá minha voz aos ventos espalhára
Já que só vi na terra fementidos
Os corações humanos.

E então quizera ter nas mãos o copo
Dos meus dias, de onde o desengano
 Vasou-me as esperanças,
E quebrando-o á meus pés sôbre um cachôpo,
Sepultar para sempre no oceano
 Minhas negras lembranças...

Em vão ! Se meu olhar o céu percorre,
Encontra a face pallida da lua
 Tão calma e tão contricta...
Então nos labios a blasphemia morre,
Então, Senhor, bendigo a dôr, que estúa
 Nesta minh' alma afflicta.

Posso chorar, aqui não hão de o rosto
Voltar sorrindo os homens, deparando
 Com o pranto em minha face ;
Doce pranto de equivoco desgosto,
Que as urnas do prazer e dôr vasando
 Casam em brando enlace.

Senhor ! Possa de tuas mãos soltar-se
Meu élo extremo de existencia escura
 Nestes bellos momentos !..
Deve a mente mais facil desatar-se
Da terra, e aos teus pés subir mais pura
 De humanos pensamentos



ULTIMO CANTO DO ANACHORETA

SENHOR ! minha alma serenou fugindo
Do tumulto dos homens ; os meus dias,
Pranteados á sós, foram caindo
Na urna do passado, e tu sorrias
No meio do meu pranto...

No ermo dos bosques descantei teu nome,
Meus cantos no echo da soidão subiram
Ao throno teu ; o aquilão gelou-me
Ao invocar-te á meia noite, ouviram
Os astros o meu hymno.

No fim da tarde eu ia junto á fonte
Minhas préces entoar co'as vozes della,
E quando o sol surgia no horizonte
Dava-me a mente nova phrase bella
Para te bemdizer.

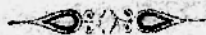
Do meu corpo olvidei ; as mesmas feras
Fôgem de me avistar ; á flôr das fragas
Duro leite cavei, e até das éras
O curso confundi, como o das vagas
Em procellosos mares.

Não quiz a terra ! Pelos céos vaguei
Buscando um hymno para descantar-te...
Do mar no fundo as conchas procurei,
E no deserto as flôres, p'ra pintar-te
No intimo do peito.

Eu encarei a sol meridiano
Envôlto em chammas de rubenta braza,
P'ra soletrar teu nome ; e quiz, insano !
Que meu peito d'argilla fosse a casa
Do teu nome, Senhor !

Porque tão cedo as fôrças me deixaram ?
Não mais te louvarei, que a voz fallece
Nos meus pulmões exhaustos, e seccaram
As vêas do meu corpo... Oh ! quem pudesse
Louvar-te eternamente !

Senhor, prostrado, exanime, sem vida,
Um velho implora o teu amôr ; não vejas
Sem piedade esta fronte encanecida
Ao sol da solidão ! Bemdito sejas
Pelos homens, e anjos !



DESENGANO

Vai desmaiando o astro rei do dia
De seu gyro a balisa já roçando
Com a fulgurante cóma, e se extasia
Tão extenso caminho contemplando.

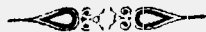
Tambem vão desfolhando-se mirrados
Da minha vida os pallidos momentos .
Atrás os olhos volvo — eil-os passados
Malditos de esperança inda sangrentos.

Palleja a tarde e balsamos vapora
Para descanso ao trabalhoso dia,
Amanhã fulgirá brilhante aurora,
E ha de trazer-me só melancolia.

Quanto prazer a natureza inspira !...
Cantam as aves ao sorrir das flôres,
Mas o meu coração sangra e delira,
Que mais o punge o torturar das dôres.

Meu destino é chorar, viver errando,
Entre campas volvêr ossos quebrados
De sumidos cadaveres — olhando
Da especie humana os omimosos fados.

Cumpra-se o meu destino! Irei prostrar-me
Junto da Cruz que o cemiterio alteia;
E lá um esqueleto ha de arrastar-me
A' alguma covachante, humida e feia.



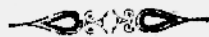
GRATIDÃO

Se tu não és o lyrio da innocencia,
É's rosa, a flôr querida dos amôres;
Que importa, se és rainha entre as mais flôres,
Que não tenhas do lyrio a innocua essencia ?

Eu amo a rosa—imagem da existencia
Que se meandra de prazer e dôres,
Eu não te vi de espinhos passadores
Circumdada na tua florescencia.

Se o fado para mim fez-te innocente,
Se os espinhos despiste ao meu contacto.
Devo querer-te, ó flôr, eternamente.

Toda a acção nobre eu vivamente acato,
Praticaste commigo nobremente,
Quem tem um coração é sempre grato.



QUERIXA

SE tu me adoras, donzella,
Com vero amôr,
Expande a tua alma bella,
Como uma flôr.

A rosa desabrochada
Perfume gera ;
Morre a flôr, que está fechada
Na primavera.

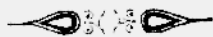
Onde viste a rosa, e quando
De manhã triste ?
Acaso um botão beijando
Abelha viste ?...

A alma é a flôr de amôres,
O amôr é mel ;
A abelha das murchas flôres
Foge infiel.

Sorri, pois, como n' aurora
Candida flôr ;
Ou se em teu peito a dôr mora,
Mostra-me a dôr.

Divide a alma commigo
Triste, ou risonha ;
Eu sou tão feliz contigo
Mesmo tristonha !

Mas a tua dôr, donzella,
Me causa dôr ;
Expande a tua alma bella
Como uma flôr.



VISÃO

Si virtus hoc una potest dare, omissis, fortis
Hoc age, deleti is.

HORACIO—EP. 6ª

Ecce panis angelorum...

POLSKA RELIGIOSA

Logo que uma scintilla do pensamento de Deus alvejou em meu espirito, eu me arrebanhei aos viajores do mundo:

E a fé tinha brotado em meu coração, e a coragem na minha fronte.

Era um esquadrão desemblantes, de muito sorrir nos labios: e eu exclamei: o que é sorrir?

Vi tambem muitos homens, de muito pranto nos olhos: e então exclamei:—o que é chorar?

Mas os homens só me responderam:— caminha!

E eu quiz caminhar; mas entorpecia-me os passos um turbilhão de moços, velhos, e creanças, que de continuo abalroando-se, praguejavam, brigavam,

cantavam, e soluçavam, estrangulando-se no meio de uma confusão infernal....

Elles rodavam em turmas por um sem conto de veredas baixas, elevadas, ou planas, escabrosas, ou frias, ou torradas.

— Onde estamos? — bradei. — Por onde correis?

— Na esperança! — Reboou um concôrto estrepitoso, dissono, e entusiasta. E depois indigitaram-me as minhas fronteiras:

E eu descobri o futuro—áquem da felicidade—esvoaçando pela amplidão do horizonte immenso; e caminhei para lá....

Longo tempo estradei um dedalo de tramites cancellados em todas as direcções; e, quando mais proximo lobrigava o marco penultimo da romaria, galgava, sem saber como, as orlas do empório da esperança.

Então perguntei-lhes um por um o que era—a felicidade.

E eu escutei o infante, o velho, a mãe, a donzella, o amante, o soldado, a espôsa, o mercador, o sabio, o ignorante, o pai, o orphão, o padre, o rico, o pobre, o politico, o litterato, o cortezão, o rei, e o poeta:

Bem assim Platão, Erostrato, Epicuro, Democrito, Zenon, Heraclito, Confucio, Alexandre, Catão, Nero, Germanico, Iro, Crésos, e as duas Lucrecias.

Eis o que me disseram:

— A felicidade é a mocidade, a fôrça, a formosura, a glória, a sabedoria, a riqueza, o prazer sensual, a mesa, o jogo, a dança, a orgia, e a honra.—

— A felicidade é o brilho do ouro enterrado em ferreos caixões, a indolencia do corpo e do espirito, a glória militar, ou a tranquillidade doméstica, e familiar.—

— A felicidade é a vida do marinheiro, do sacerdote, da ave, da flôr, do rei, do idiota, do assassino, e do louco, o amôr, a contemplação, e a fé, a vida do probo, ou do aheu, e do hypocrita.

E quiz reflectir sôbre tanta contradicção, e harmonisal-as; mas a descrença enregelou-me as idéas, e gemi !...

O sôpro de um demonio enlutava-me a intelligencia, e o meu cerebro era como o pavilhão de cãhos....

Foi então que murmurei atturdido um conjario horrivel....

Ai ! a aurora de minha existencia, como a boreal, espancára as trévas de minha infancia, e o clarão tinha passado como a sombra do môcho sôbre um cadaver.

Ia invocar a omnipotencia do nada, quando...

— Olha ! — disse-me um Grego, — e eu olhei...

Era um homem dentro de um tonel.

Alonguei os olhos pelo porvir, e vi patentes — os templos de Jano e Venus.

Alonguei-os pelo passado, e vi deslisando nas aguas do Nilo um recém-nado. Vapor escuro rebufava o tope do Sinai.

Rofiquejou pelo correr do tempo muita ambição, correu muito sangue, adoraram-se muitos idólos.

Depois levantou-se de entre a multidão um tumulto espantoso, e aos ares um alarido horrivel e universal....

E o sentimento abandonou-me ao avistar a loucura total do genero humano,—porque o genero humano tinha enlouquecido.

Após esse transporte frenetico e brutal, meus olhos pairaram sôbre um cadaver pendente de uma cruz....

— Quem é aquelle ? — bradei.

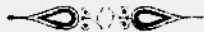
— A fé, a esperança, e a caridade,— respondeu-se-me.

— E o que é a caridade, a esperança, e a fé ?

— A felicidade.—

Então volvi-me para o futuro, e vi as nações prosternadas perante a cruz do Capitolio.

A paz reinava sôbre a terra.



INDICE

	PAGINAS
AURELIANO LESSA	V
Poeta	1
Tristeza	3
Eu	7
Desesperança.	9
A' Diamantina	12
Saüdade	15
Consolação na morte	16
O que é amôr?	18
A' Diamantina	21
O Poeta agonisante.	23
Mensagem	27
A' tarde	31
Leviana	36
O Sol	38
Amargura	42
O Echo	44
A Creação.	48
Hymno da Creação.	53

A Rosa branca.	57
Desengano	59
Soneto	61
Canção	62
A.....	64
A' morte do um passarinho.	67
Duas Auroras.	69
A minha estrêlla.	72
Ciúmes	74
A' uns annos.	75
Desprêzo à glória.	78
Motte—Glosa.	79
Tu	82
Soneto.	84
No tumulo de um infante.	85
Ella	86
Aos annos de uma Senhora.	88
Extasis	91
Enthusiasmo	92
A minha rosa.	95
Só se pôde amar no céu	99
Despedida	102
Canto de Amôr.	104
A' Noite	108
Consolação	109
Ultimo canto do Anachoreta	112
Desengano	114
Gratidão	116
Queixa.	117
Visão	119
